

BLOOM

THE ACT OF REMEMBRANCE

DAGMAR VAN WEEGHEL





- *Let's Speak In Flowers* -

BLOOM

THE ACT OF REMEMBRANCE

BLOOM é um projeto desenvolvido ao longo de quatro anos pela artista neerlandesa Dagmar van Weeghel, realizado em colaboração com mulheres de ascendência africana residentes em diversos países europeus. O projeto aborda uma lacuna significativa no arquivo visual europeu do século XIX: entre a invenção da fotografia (c. 1839) e o ano de 1900, as imagens de pessoas racializadas — em particular cartes de visite de mulheres — são raras, anónimas ou inexistentes. Embora determinados marcos legais (como a abolição do comércio de escravos na Grã-Bretanha em 1807 e a emancipação em 1833, ou a manumissão nos Países Baixos em 1873) ajudem a contextualizar este apagamento, não justificam o facto de as narrativas históricas registadas privilegiarem a centralidade da identidade branca e silenciarem vidas plurais.

Cada retrato em BLOOM é concebido como uma co-autoria: as participantes contribuem com as suas histórias de vida, reflexões sobre migração, pertença e visibilidade, partilhando igualmente os proveitos do projeto. Dagmar Van Weeghel não fala por elas; a sua prática expõe os enquadramentos visuais que limitaram ou apagaram essas presenças e cria espaço para formas mais plenas de representação.

A obra recorre deliberadamente a instrumentos e técnicas do século XIX — incluindo uma câmara original de carte de visite de 1868, a coloração manual com pigmentos florais produzidos pela própria artista e a antotopia (impressões sem câmara obtidas pela exposição solar de papéis impregnados com pigmentos vegetais) — para interrogar a pretensa objetividade da fotografia. Longe de um exercício de mimetismo nostálgico, estes métodos evidenciam o carácter construído da imagem fotográfica e os seus enviesamentos históricos quanto às vidas consideradas dignas de preservação.

A história botânica assume simultaneamente uma função metafórica e material. Inspirado num manual francês de 1818, mais tarde republicado como *The Victorian Language of Flowers*, que catalogava cerca de 300 significados florais usados socialmente no século XIX, BLOOM envolve-se com a floriografia: uma linguagem popular, frequentemente secreta, através da qual se codificavam emoções e códigos sociais. Muitos desses significados florais estavam intrinsecamente ligados a conceções vitorianas pseudo-científicas marcadas por género e raça.

Dagmar Van Weeghel utiliza pétalas recolhidas nos Países Baixos, França, Escócia e Inglaterra para produzir pigmentos naturais. As antotopias e os pigmentos florais traçam percursos de circulação vegetal associados ao comércio e ao império, estabelecendo paralelos entre a translocação botânica e os movimentos diaspóricos. Esta ligação material evidencia a forma como ideias de origem, utilidade e invasividade atravessam sistemas naturais e sociais. Foram igualmente produzidas impressões em platina-paládio — o processo com maior durabilidade — com o intuito de garantir a permanência arquivística das obras.

A posição pessoal de Van Weeghel — enquanto mulher branca europeia e mãe de filhos de herança cultural mista — enquadra o projeto como um gesto de responsabilidade e de proximidade. BLOOM não procura reescrever o passado, mas antes alargar o enquadramento do arquivo: uma intervenção que valoriza a co-autoria, restitui dignidade à presença e reivindica visibilidade a longo prazo. Ao promover o colapsar da distância histórica num exercício de confrontação contemporânea, o projeto entende a história da fotografia como um processo em curso e convoca reconhecimento, responsabilidade e cuidado relativamente às imagens que escolhemos legar.



BLOOM is a four-year project by Dutch artist Dagmar van Weeghel, made in collaboration with women of African descent across Europe. It addresses a major gap in the 19th-century European visual archive: between photography's invention (c.1839) and 1900, images of people of colour – especially cartes de visite of women – are rare, anonymous, or absent. Legal timelines (e.g. Britain's slave trade ban in 1807, emancipation in 1833; Dutch manumission in 1873) partly explain but do not justify that recorded histories privilege whiteness and erase plural lives.

Each BLOOM portrait is co-authored: participants contribute life histories, reflections on migration, belonging, and visibility, and share in the project's proceeds. Van Weeghel does not speak for them; her practice exposes the visual frameworks that constrained or erased their presence and creates space for fuller representation.

The work deliberately uses 19th-century tools and techniques – an original 1868 carte de visite camera, hand-colouring with self-made floral pigments, and anthotypes (camera-less prints made by exposing flower-pigmented paper to sunlight) – to question photography's claim to truth. Rather than nostalgic mimicry, these methods reveal photography's constructedness and its historical bias about which lives merited preservation.

Botanical history functions as both metaphor and material. Inspired by an 1818 French manual later republished as *The Victorian Language of Flowers* – which catalogued roughly 300 floral meanings used socially in the 19th century – BLOOM engages floriography: a popular, often secret language that encoded feelings and social codes. Many floral meanings were bound up with gendered and racist Victorian pseudo-science.

Van Weeghel uses petals gathered across the Netherlands, France, Scotland, and England to make pigments. The anthotypes and floral pigments trace plant circulation through trade and empire, drawing parallels between botanical translocation and diasporic movement. This material linkage highlights how ideas about origins, usefulness, and invasiveness travel through natural and social systems. Platinum–palladium prints, which have the best longevity, were produced to ensure archival permanence.

Van Weeghel's personal position – as a white European and mother of mixed-heritage children – frames the project as an act of responsibility and proximity. BLOOM is not an attempt to rewrite the past but to widen the archival frame: an intervention that foregrounds co-authorship, dignifies presence, and seeks long-term visibility. By collapsing historical distance into contemporary reckoning, it treats photographic history as ongoing and calls for acknowledgment, accountability, and care for the images we pass on.

Hedy Van Erp, curator, 2026

SOBRE O ARTISTA

ABOUT THE ARTIST

DAGMAR VAN WEEGHEL (n. | b. 1974 Países Baixos | Netherlands)

A prática artística de Dagmar van Weeghel desenvolve-se na intersecção entre a fotografia e o arquivo, onde as imagens se tornam recipientes de memória, silêncio e repetição. Movendo-se entre passado e presente, a artista traça os enquadramentos históricos que moldaram a longa e cruzada relação entre África e Europa, transparecendo de que forma essas estruturas continuam a repercutir na contemporaneidade.

Com formação em Cinema e Fotografia pela Universidade das Artes de Amsterdão, o seu trabalho é profundamente influenciado pelas experiências vividas no Zimbabué, Tanzânia e África do Sul. Estes contextos geográficos informam a sua sensibilidade para com narrativas africanas e diaspóricas, posicionando a sua prática em torno de questões como pertença, deslocação e heranças históricas.

Através de processos orientados pela investigação, Dagmar Van Weeghel trabalha com fotografias de arquivo, documentos e práticas de produção de imagem como atos de reinterpretação. Ao reativar fragmentos do arquivo, a sua obra desafia narrativas históricas dominantes e recorre à construção narrativa como ferramenta para expor a persistência das heranças coloniais na memória visual — moldando tanto o presente como o passado.

Dagmar van Weeghel's practice unfolds at the intersection of photography and the archive, where images become vessels of memory, silence, and repetition. Moving between past and present, she traces the historical frameworks that have shaped the long and entangled relationship between Africa and Europe, revealing how these structures continue to echo within contemporary life.

Grounded in a background in Film and Photography from the University of the Arts Amsterdam, her work is informed by lived experiences in Zimbabwe, Tanzania, and South Africa. These geographies shape her sensitivity to African and diasporic narratives, situating her practice within questions of belonging, displacement, and inherited histories.

Through research-led processes, she engages with archival photographs, documents, and image-making as acts of re-reading. By reactivating fragments of the archive, her work challenges dominant historical narratives and uses storytelling to expose how colonial legacies persist within visual memory, shaping the present as much as the past.

Foto de | Photo By Atong Atem





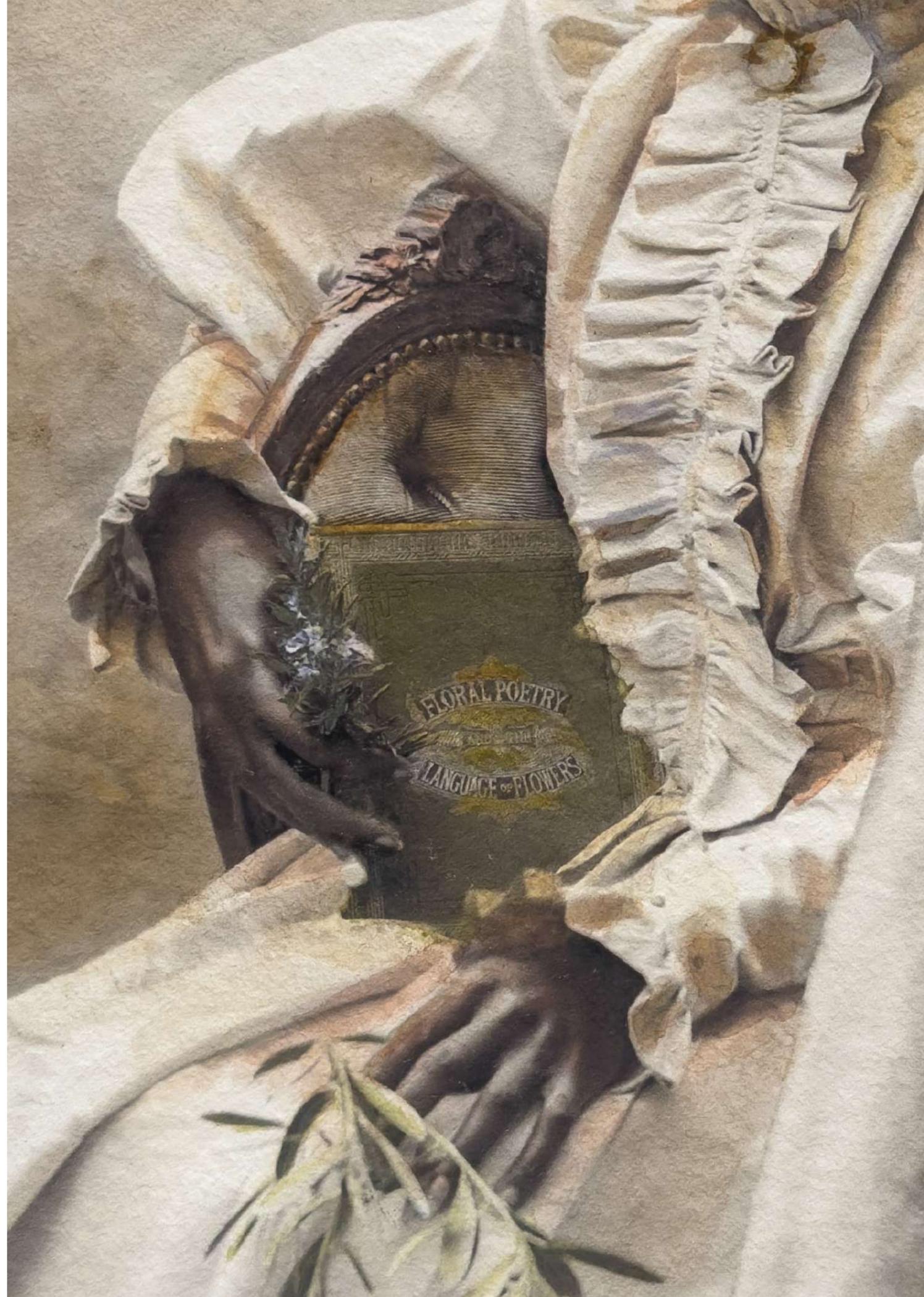


DEDE IN BLOOM - THE ACT OF REMEMBRANCE | 2022

Impressão PhotoRag, pintada à mão com pigmentos florais e aguarelas, com borda branca
PhotoRag Print / Hand-tinted with Flower Pigments & Watercolors, with white border
40 x 60 cm

Encoded Flowers: Rosemary & Olive

Hanpainted with: African Marigolds, Coreopsis, Red roses, Indigo, Walnut, Dahlias & Watercolor





PENDA IN BLOOM - DO NOT REFUSE ME | 2022

Impressão fotográfica com pigmentos PhotoRag Archival com margem branca
PhotoRag Archival Pigment Print with white border
110,5 x 160 cm

Encoded Flowers: Escholtzia, Blackeyes Susan & Ivy

Original Carte de Visite: Unidentified Sitter, Edinburgh UK, 1900 by Alex Ayton Junior. Courtesy Val Wilmer Collection



FATOU IN BLOOM - UNFOLDING TOWARD THE LIGHT (In Her Spirit Edition) | 2022

Impressão PhotoRag, Pintado à mão com calêndula africana, coreopsis, camomila-dália, noz, garança e aguarela
PhotoRag Print, Handpainted with African Marigold, Coreopsis, Dahlia Chamomile, Walnut, Madder & Watercolor.
66 x 96 cm

Encoded Flowers: Sunflowers & Primrose

Handpainted with OO: African Marigold, Coreopsis, Dahlia Chamomile, Walnut, Madder & Watercolor.

Original Carte de Visite: Unidentified Sitter, UK by E.A. Carnel (1860s), Courtesy Van Weeghel Collection





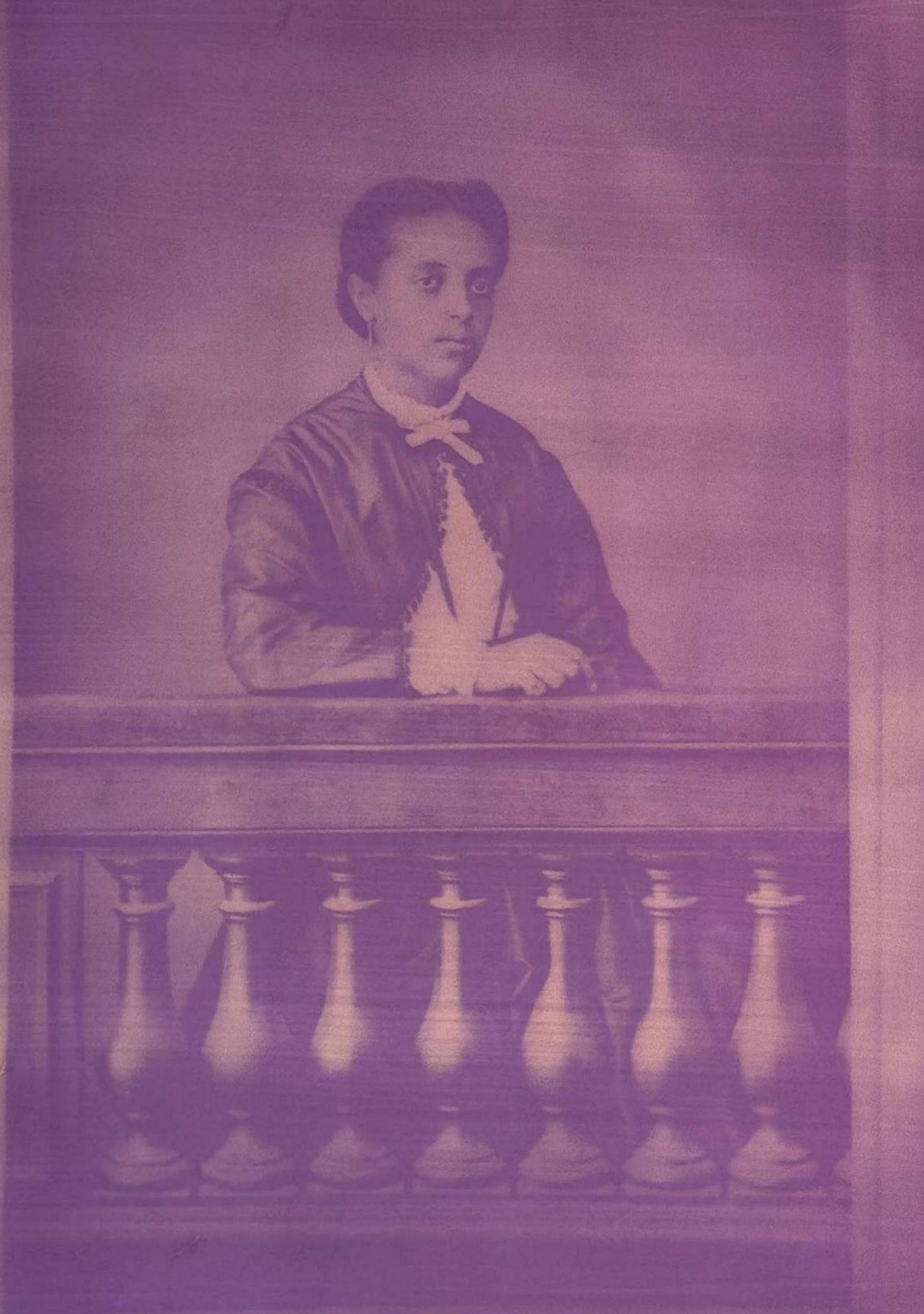
DEDE IN BLOOM – A BOUQUET FOR ENDURANCE | 2022

Impressão fotográfica com pigmentos PhotoRag Archival com margem branca
PhotoRag Archival Pigment Print with white border
121,5 x 120 cm

Encoded Flowers: Single White Rose, Larkspur, Persicaria, Ivy

Original Carte de Visite: Unidentified Sitter, France by E. Moreno & Co France (1860s). Courtesy Van Weeghel Collection





ANTHOTYPE I - YOU WERE HERE | 2025

Antótipo Centáureas roxas
Anthotype Purple Cornflowers
64 x 104 cm

Encoded Flowers: Purple Cornflowers

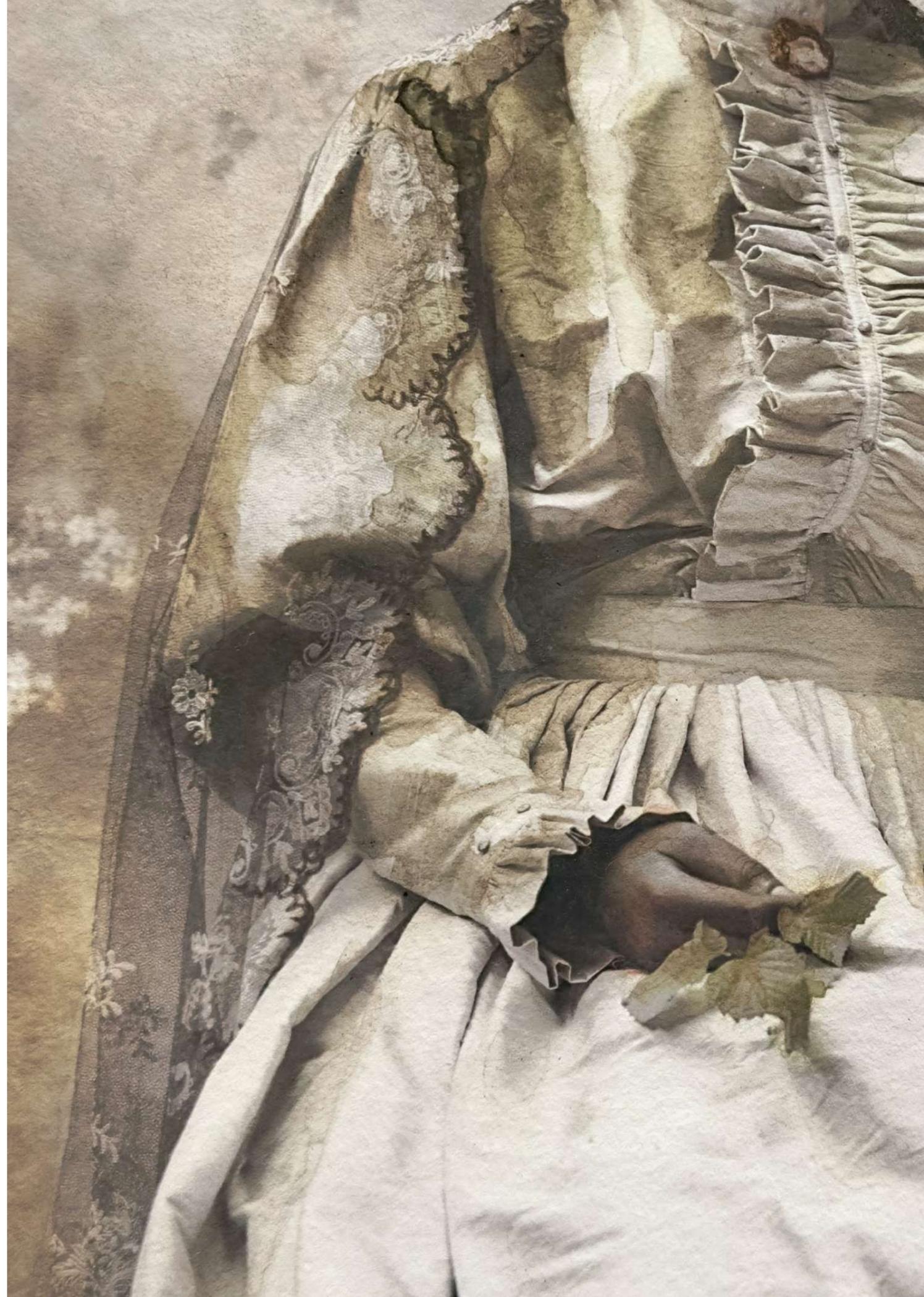


NORA IN BLOOM - BENEATH THE HAZEL TREE | 2022

Impressão PhotoRag, Pintado à mão com calêndula africana, coreopsis, camomila-dália, noz, garança e aguarela
PhotoRag Print, Handpainted with African Marigold, Coreopsis, Dahlia Chamomile, Walnut, Madder & Watercolor.
33 x 49 cm

*Encoded Flowers: single wilted White Rose, Hazel, Ebony Tree, Mallows, Statice
Hanpainted with: African Marigolds , Coreopsis, Red roses, Indigo, Walnut, Dahlias & Watercolor*

Original Carte de Visite: Unidentified sitter by Walter Bino Brock, London UK (1880s). Courtesy Val Wilmer Collection







EMMA IN BLOOM - ACANTHUS FOR THE UNNAMED | 2022

Impressão fotográfica com pigmentos PhotoRag Archival com margem branca
PhotoRag Archival Pigment Print with white border
41,5 x 60 cm

Encoded Flowers : Acanthus Mollis (Bear's Breeches)

Original Carte de Visite: Unidentified sitter by Ludwig Korner, Germany (1860s). Courtesy VanWeeghelCollection



ANTHOTYPE II - STILLYOU REMAIN | 2025

Antótipo Centáureas Roxas
Anthotype Purple Cornflowers
71,5 x 47 cm

Encoded Flowers: Purple Cornflowers







LYS IN BLOOM – LET'S SPEAK IN FLOWERS | 2022

Impressão fotográfica com pigmentos PhotoRag Archival com margem branca
PhotoRag Archival Pigment Print with white border
121,5 x 120 cm

Encoded Flowers: Iris, Lys, Carnation, Phlox, Ivy



EMMA & ANDREA IN BLOOM - THE BOTANY OF MEMORY | 2023

Impressão fotográfica com pigmentos PhotoRag Archival com margem branca
PhotoRag Archival Pigment Print with white border
60 x 46 cm

Encoded Flowers: Salvia , Hostas, Verbena Bonariensis, Campanula, Bellflowers

Original Carte deVisite: Unidentified Sitters. London 1880 by Studio J. Hart. Courtesy Paul Frecker Collection



ANTHOTYPE - SARAH FORBES BONETTA | 2025

Antótipo Black Hollyhock
Anthotype Black Hollyhock
55 x 60 cm

Encoded Flower: Alcea Rosa 'Nigra' (black Hollyhock)



IMMACULATE IN BLOOM - HERE IN MY GARDEN | 2022

Impressão fotográfica com pigmentos PhotoRag Archival com margem branca
PhotoRag Archival Pigment Print with white border
82,5 x 120 cm

Encoded Flowers: Olive (in hand) Rosemary, Poppy, Zinnia, Forget-me-Not, Centaurea, Mallows, Statice, Ebony Tree (backdrop)

Original Carte deVisite: Unidentified Sitter by H. Panajou, France (1860s). Courtesy VanWeeghelCollection





BINQUI IN BLOOM – WHAT A THOUSAND PETALS HOLD | 2022

Impressão fotográfica com pigmentos PhotoRag Archival com margem branca
PhotoRag Archival Pigment Print with white border
43,5 x 60 cm

Encoded Flowers: Hundred - Petaled Rose





MONICA IN BLOOM – A YELLOW ROSE | 2022

Impressão fotográfica com pigmentos PhotoRag Archival com margem branca
PhotoRag Archival Pigment Print with white border
43,5 x 60 cm

Encoded Flowers: Yellow Rose

Floriografia BLOOM & História Botânica

Floriography BLOOM & Botanical History

DEDE IN BLOOM – THE ACT OF REMEMBRANCE | 2022

“Se escreveres a história,
eu reescreverei a memória
e o que ficou para trás
vive no que eu preservo.”

A oliveira e o alecrim crescem em ambas as margens do Mediterrâneo, atravessando a África e a Europa — uma ecologia partilhada mais antiga do que as fronteiras. Na floriografia, a oliveira simboliza a resistência e o enraizamento: aquilo que sobrevive na terra e no arquivo. O alecrim simboliza a lembrança e torna-se uma metáfora da ausência, do que escapa ao “enquadramento”, mas persiste na memória. Juntos, constituem um acto de recordação: pelas vidas vividas, pelas vidas desenraizadas, pelos que se perderam e pelas histórias que continuam a crescer apesar do apagamento.

Oliveira: paz, resistência, reconciliação; a terra tomada ou deixada para trás, a origem permanece interior, reconciliação entre passado e presente; a oliveira está profundamente enraizada, mas os seus ramos viajam.

Alecrim: lembrança, memória, luto, arquivos, continuidade; preserva nomes, aquilo que transportamos connosco. Memória cultural. A lembrança como resistência ao apagamento.

História botânica:

Oliveira: nativa do Mediterrâneo oriental e do Levante; domesticada há cerca de 8000 anos. Entre as árvores cultivadas mais antigas da história humana.

Alecrim: nativo da bacia do Mediterrâneo; de origem antiga. Latim: *Ros Marinus* - “orvalho do mar”. Durante o período imperial: projectos de classificação botânica e rotas comerciais imperiais.

PENDA IN BLOOM - DO NOT REFUSE ME | 2022

“Recuso o apagamento.
Classificaste a terra
Contaste os corpos
Ainda assim, eu continuo a crescer.”

• Gesto da Mão Direita: “Sim” - Afirmação

“If you write the history,
I will rewrite the memory
and what was left behind
lives in what I preserve.”

Olive and rosemary grow on both sides of the Mediterranean, across Africa and Europe, a shared ecology older than borders. In Floriography, the olive signifies endurance and rootedness: what survives in land and archive. Rosemary signifies remembrance and becomes a metaphor for absence, for what escapes ‘the frame’ yet persists in memory. Together they form an act of remembrance; for lives lived, lives uprooted, for those lost, and for histories that continue to grow across erasure.

Olive: peace, endurance, reconciliation, the land taken or left behind, the origin remains internal, reconciliation between past and present, also the Olive tree is deeply rooted, yet its branches travel.

Rosemary: remembrance, memory, mourning, archives, continuity, preserves names, what we carry with us. Cultural memory. Remembrance as resistance to erasure.

Botanical history:

Olive: native to the eastern Mediterranean and Levant; Domesticated 8000 years ago. Among the eldest cultivated trees in human history.

Rosemary: native to the Mediterranean basin; ancient origin, Latin: *Ros Marinus* - ‘dew of the sea.’ During the empire: botanical classification project and imperial trade routes.

• Right-hand Gesture: ‘Yes’ - Affirmation

A eschólzia evoca deslocação e dormência; a rosa transporta amor e luto; a hera insiste na ligação e na resistência. Juntas, formam um contra-arquivo vivo, onde sementes, corpos e memórias atravessam fronteiras, onde a perda deixa vestígios e onde a lembrança persiste em silêncio.

Escholzia: resistência silenciosa, repouso, sono, consolação.

Rosas & Hera (em fundo)

Rosa: amor, sacrifício, beleza com espinhos, simbolismo histórico na revolução e na resistência.

Hera: persistência, sobrevivência por ligação, memória que se agarra, aquilo que se recusa a desaparecer; estrangeira rotulada como invasora, aqui, a hera reconfigura a linguagem de ameaça frequentemente aplicada aos migrantes.

História botânica:

Escholzia: planta nativa de uma terra anterior às fronteiras; originária da Califórnia, território indígena, origem apagada e não registada - renomeada por um cientista alemão; ciência colonial através da exploração europeia; origens reclassificadas.

Rosa: híbrida; a rosa moderna é um migrante botânico. A migração está inscrita na sua história. Globalizada através do cultivo. As rosas circularam ao longo de rotas comerciais muito antes das fronteiras modernas do colonialismo. As redes comerciais coloniais redistribuíram-na globalmente, através da hibridação e do intercâmbio intercultural.

Hera (*hedera helix*): nativa da Europa, da Ásia Ocidental e do Norte de África; transportada globalmente através da expansão imperial. Sempre-verde, associada à imortalidade, pode viver durante séculos, valorizada pela sua resistência e capacidade de cobertura. Prospera na sombra e em solos pobres, adapta-se, espalha-se e, depois, passa a ser classificada como uma ameaça.

FATOU IN BLOOM – UNFOLDING TOWARD THE LIGHT | 2022

“A primula-da-noite e o girassol
assinalam uma passagem da resistência invisível para a
visibilidade escolhida.

Quando os arquivos guardam fragmentos, mas não a totalidade,
ecoam simultaneamente ciclos botânicos
e o acto fotográfico de exposição.”

Juntos, o girassol e a primula-da-noite oferecem um enquadramento para compreender a existência diaspórica: uma vida vivida entre iluminação e sombra, entre registo e ausência, uma negociação contínua entre os lugares onde se é visto e aqueles onde se permanece por registar, mas profundamente enraizado.

Escholzia evokes displacement and dormancy, the rose carries love and mourning; ivy insists on attachment and endurance. Together they form a living counter archive, where seeds, bodies, and memories cross borders, where loss leaves traces, and where remembrance quietly persists.

Escholzia: quiet endurance, rest, sleep, consolation.

Roses & Ivy (in backdrop)

Rose: love, sacrifice, beauty with thorns, historic symbolism in revolution and resistance.

Ivy: persistence, survival by attachment, memory that clings, what refuses disappearance, outsider labeled invasive, Ivy here reframes the language of threat often applied to migrants.

Botanical history:

Escholzia: a plant native to land before borders; native to California, indigenous land, erased origin, unrecorded - renamed by a German scientist, colonial science through European exploration, reclassified origins.

Rosa: a hybrid, modern rose, a botanical migrant. Migration is built into their history. Globalized through cultivation. Roses moved along trade routes long before the modern borders of colonialism. Colonial trade networks redistributed rose globally, crossbreeding & cross-cultural exchange.

Ivy (*hedera helix*): native to Europe, western Asia, and North Africa, transported globally through imperial expansion. Evergreen, immortality, can live for centuries, valued for endurance and coverage. Thrives in shade and poor soil, it adapts, it spreads, and then becomes classified as a threat.

“Evening Primrose and Sunflower
mark a passage from unseen endurance to chosen visibility.

When Archives hold fragments but not fullness,
they echo both botanical cycles
and the photographic act of exposure.”

Together, Sunflower and Evening Primrose offer a framework for understanding diasporic existence: a life lived between illumination and shadow, between record and absence, a continual negotiation of where one is seen, and where one remains unrecorded yet deeply rooted.

Girassol: constância, agência; volta-se activamente para a luz, para a verdade, para o sol, presença na luz, energia, narrativa preservada, permanência.

Prímula-da-noite: resistência; floresce na escuridão ao entardecer, o desabrochar (cura) começa na sombra. Existe nesse espaço liminar entre luz e escuridão. Memória frágil e pertença; floresce brevemente e desaparece, muitas vezes despercebida; abre em baixa luminosidade.

História botânica:

Girassol (asteraceae): origem na América do Norte, cerca de 3000 a.C.; exploradores espanhóis levaram-no para a Europa (século XVI), Ásia (século XVII) e Rússia (século XVIII) - circulação global através de rotas comerciais coloniais.

Prímula-da-noite (oenothera biennis): origem nas Américas (Norte e Sul) muito antes do contacto europeu.

Pintada à mão com:

Tagetes africano (cravo-túnico): mentes vulgar.

Coreopsis: presença luminosa, calorosa e encorajadora.

Dália: dignidade e força interior; graça sob pressão.

Dália vermelha: poder; mantenho-me firme.

Camomila: resistência, calma, resiliência e perseverança; prospera mesmo quando pisada, cura emocional e reconforto.

Noqueira: simboliza emoções profundas, reserva e protecção; representa resistência e ruptura através da mudança.

Ruiva (garança / madder): há fogo sob a superfície, paixão, força e transformação.

Sunflower: constancy, agency; turns actively towards the light, to the truth, towards the sun, presence in the light, energy, the preserved narrative, permanence.

Evening primrose: endurance, blooms in the dark at dusk, unfolding (Healing) begins in darkness. It exists in that liminal space between light and dark. Fragile memory and belonging, blooms briefly, and disappears, often overlooked, opens in low light.

Botanical history:

Sunflower (asteraceae): origins North America, 3000 b.C.; Spanish explorers brought them to Europe (16th), Asia (17th), and Russia (18th) - global circulation through colonial trade routes.

Evening primrose (oenothera biennis): origins in the Americas (North and South America) long before European contact.

Hand-tinted with:

African marigold: vulgar minds.

Coreopsis: bright, warm, uplifting presence.

Dahlia: dignity and inner strength, grace under pressure.

Red Dahlia: power; I stand strong.

Chamomile: calm endurance, resilience, and perseverance; thrives even if stepped on, emotional healing, and reassurance.

Walnut: symbolizes deep emotions, guardedness, protection, represents endurance, and breaking through change.

Madder: there is fire beneath the surface, passion, strength, transformation.

Rosa: a única rosa branca protege a resistência; mecanismo de defesa, beleza com limite. Cultivada, mas resistente.

Esporinha-rosa (larkspur): inconstância, instabilidade emocional. Testemunho visual, suavidade que se mantém erguida e se recusa a colapsar; introduz força vital.

Rosas & Hera (em fundo)

Rosa: amor, sacrifício, beleza com espinhos, simbolismo histórico na revolução e na resistência.

Hera: persistência, sobrevivência por ligação, memória que se agarra, aquilo que se recusa a desaparecer; estrangeira rotulada como invasora, aqui, a hera reconfigura a linguagem de ameaça frequentemente aplicada aos migrantes.

História botânica:

Esporinha (delphinium): nativa da Europa, da Ásia e da América do Norte; posteriormente cultivada e controlada. Circulou através de redes de comércio hortícola, do império e da recolha colonial.

Persicaria (família das polygonáceas): nativa de regiões da Europa, Ásia e América do Norte. O seu movimento foi intencional, cultivada e transportada globalmente através do comércio e das trocas botânicas imperiais.

Rosa: híbrida; a rosa moderna é um migrante botânico. A migração está inscrita na sua história. Globalizada através do cultivo. As rosas circularam ao longo de rotas comerciais muito antes das fronteiras modernas do colonialismo. As redes comerciais coloniais redistribuíram-na globalmente, através da hibridação e do intercâmbio intercultural.

ANTHOTYPE I – YOU WERE HERE | 2025

ANTHOTYPE II– STILL YOU REMAIN | 2025

Centáureas roxas (“bachelor’s Button”): lembrança, resiliência, sobrevivência em ambientes hostis. Dignidade, deslocação dignificada.

As centáureas roxas atravessam esta obra como um fio condutor. Pequenas flores resilientes, outrora dispersas pelos campos de cereais europeus, agora prensadas em arquivos, achatadas em memória. Representam aquilo que viaja e aquilo que fica para trás. Os corpos que atravessam fronteiras e águas e aqueles que permanecem apenas como documentos, como imagens, como ausência. Na história botânica, a flor é nomeada, classificada, preservada. Nos arquivos fotográficos, algumas vidas são capturadas, frequentemente catalogadas e muitas vezes despojadas de interioridade. Ambos mantêm presença enquanto silenciam a voz. A centáurea roxa torna-se um marcador de deslocação dignificada. Pergunta: O que sobrevive à migração? O que sobrevive ao arquivo?

Pink larkspur: Fickleness, emotional instability. Visual testimony, Softness that stands upright and refuses to collapse, introduces life force.

Roses & Ivy (in backdrop)

Rose: love, sacrifice, beauty with thorns, historic symbolism in revolution and resistance.

Ivy: persistence, survival by attachment, memory that clings, what refuses disappearance, outsider labeled invasive, Ivy here reframes the language of threat often applied to migrants.

Botanical history:

Larkspur (delphinium): native to Europe, Asia, and North America. Later cultivated, controlled. Moved through horticultural trade networks; empire and colonial collecting.

Persicaria (knotweed family): native across Europe, Asia, and North America. Movement was intentional, cultivated, and transported globally through trade and imperial plant exchange.

Rose: a hybrid, modern rose, a botanical migrant. Migration is built into their history. Globalized through cultivation. Roses moved along trade routes long before the modern borders of colonialism. Colonial trade networks redistributed rose globally, crossbreeding & cross-cultural exchange.

DEDE IN BLOOM - A BOUQUET FOR ENDURANCE | 2022

“Recuso o teu enquadramento,
A tua tentativa de permanência.
Rejeito a tua categoria,
Não irei performar legibilidade.”

- Gesto da Mão Esquerda: “Não” - Recusa

O retrato resiste aos sistemas coloniais que definem, categorizam e fixam a identidade. Rejeita o olhar imposto que enquadra os sujeitos dentro de rótulos rígidos e de uma falsa permanência. Ao recusar a “legibilidade”, Dede desafia a exigência de ser facilmente compreendida ou classificada dentro de estruturas dominantes. Afirma a identidade como fluida, autodeterminada e resistente ao controlo colonial.

Persicaria: rotulada como evasiva; sobrevivência para além da visibilidade; prospera em ambientes perturbados e subterrâneos. Extração impossível. A persicaria é resistência sem pedido de desculpa.

“I refuse your framing,
your attempted permanence.
I reject your category,
I will not perform legibility.”

- Left-hand gesture: ‘No’ – Refusal

The portrait resists colonial systems that define, categorize, and fix identity. It rejects the imposed gaze that frames subjects within rigid labels and false permanence. By refusing ‘legibility’, Dede challenges the demand to be easily understood or classified within dominant structures. It asserts identity as fluid, self-determined, and resistant to colonial control.

Persicaria: labeled Evasive, Survival beyond visibility, survives in disturbed and underground environments. Impossible extraction. Persicaria is Endurance without apology.
Rose: the single white Rose protects the endurance, defense mechanism, beauty with boundary. Cultivated yet resistant.



Purple cornflowers (“bachelor’s Button”): remembrance, resilience, survival in hostile environments. Dignity, dignified displacement.

Purple cornflowers thread this work. Small, resilient blooms once scattered through European grain fields, now pressed into archives, flattened into memory. They stand for what travels and what is left behind. For the bodies that cross borders and water, and for those who remain only as documents, as images, as absence. In botanical history, the flower is named, classified, and preserved. In photographic archives, some lives are captured, often catalogued, and often stripped of interiority. Both hold presence while quieting voice. The purple cornflower becomes a marker of dignified displacement. It asks: What survives migration? What survives the archive?

História botânica:

Centáurea (centaurea cyanus): é frequentemente imaginada como uma flor tipicamente europeia, uma floração silvestre que percorre campos de trigo, símbolo de continuidade rural e pertença. Contudo, a sua história desenrola-se dentro dos mesmos sistemas agrícolas, científicos e imperiais que estruturaram a modernidade colonial. Mesmo a flor mais “nativa” cresce em solo moldado pelo comércio, pelo cercamento e pelo império. Como arqueófito, a centáurea espalhou-se juntamente com o cultivo inicial de cereais, movendo-se com o assentamento humano e as trocas agrárias. O próprio trigo circulou através de rotas comerciais mediterrânicas e imperiais. O campo europeu nunca esteve isolado; fazia parte de uma rede de movimentos. A presença da centáurea revela como as paisagens estão silenciosamente entrelaçadas com histórias de mobilidade. No século XVIII, a ciência botânica consolidou autoridade através de sistemas de classificação formalizados por Carl Linnaeus. Sob a nomenclatura binomial, as plantas foram padronizadas, renomeadas e organizadas numa taxonomia universal. As centáureas foram prensadas em herbários ao lado de espécimes extraídos de África, da Ásia e das Américas. Na folha de herbário, todas as plantas parecem iguais, achatadas, rotuladas, preservadas. Contudo, as estruturas que as reuniram não eram iguais. As flores dos campos europeus tornaram-se emblemas de pátria; plantas de territórios colonizados foram frequentemente catalogadas pelo seu potencial económico.

O herbário, tal como o arquivo fotográfico, transforma a presença viva em superfície. Preserva a forma enquanto suspende o contexto. A cor da centáurea permanece vívida entre o papel, mas os seus entrelaçamentos ecológicos e culturais são silenciados. A preservação torna-se um gesto que simultaneamente protege e abstrai. Nesse sentido, a centáurea roxa contém uma tensão subtil. Não é uma planta violentamente deslocada através de oceanos, mas está inserida em sistemas que moveram outras plantas e pessoas, através de processos de extração e controlo. Ocupa um campo moldado pelo império enquanto aparenta inocência dentro dele.

NORA IN BLOOM – BENEATH THE HAZEL TREE | 2022

“Estou firmada no conhecimento. Ofereço a verdade.
A minha presença é deliberada, sou digna.”

Avelã: aquilo que se carrega; memória cultural, sabedoria, inteligência e protecção; persiste, observa e recorda; sabedoria interior; dignidade silenciosa.

Rosa branca única: verdade; sou digna de ti; novos começos; uma única rosa branca repousa na mão esquerda não oferecida, mas posicionada próxima do coração, simboliza: “Não” - Recusa - “SOU digna de ti”.

Botanical history:

Cornflower (centaurea cyanus): is often imagined as quintessentially European, a wild bloom threading through wheat fields, a symbol of rural continuity and belonging. Yet its history unfolds within the same agricultural, scientific, and imperial systems that structured colonial modernity. Even the most “native” flower grows in soil shaped by trade, enclosure, and empire. As an archaeophyte, the cornflower spread alongside early cereal cultivation, moving with human settlement and agrarian exchange. Wheat itself circulated through the Mediterranean and imperial trade routes. The European field was never isolated; it was part of a network of movement. The cornflower’s presence within it reveals how landscapes are quietly entangled with histories of mobility. In the 18th century, botanical science consolidated authority through classification systems formalized by Carl Linnaeus. Under binomial nomenclature, plants were standardized, renamed, and ordered into a universal taxonomy. Cornflowers were pressed into herbaria alongside specimens extracted from Africa, Asia, and the Americas. On the herbarium sheet, all plants appear equal — flattened, labeled, preserved. Yet the structures that gathered them were not equal. European field flowers became emblems of the homeland; colonized plants were frequently catalogued for economic potential.

The herbarium, like the photographic archive, transforms living presence into surface. It preserves form while suspending context. The cornflower’s color remains vivid between paper, but its ecological and cultural entanglements are silenced. Preservation becomes a gesture that both safeguards and abstracts. In this sense, the purple cornflower holds a subtle tension. It is not a plant violently displaced across oceans, yet it is embedded in systems that moved other plants, and people, through extraction and control. It occupies a field shaped by empire while appearing innocent within it.

Hazel: what is carried, cultural memory, wisdom, intelligence, and protection; endures, observes, and remembers, inner wisdom; quiet dignity.

Single white Rose: truth; I am worthy of you, new beginnings; single white Rose lying down in left hand, not offered but positioned down closest to heart, symbolizes: ‘No’ – Refusal – ‘I AM worthy of you’.

História botânica:

Avelã (família Betulaceae): nativa do Hemisfério Norte, polinizada pelo vento. A avelã foi uma espécie-ligação, unindo o conhecimento ecológico indígena, a classificação científica europeia e o intercâmbio transatlântico de plantas. Representa como a botânica colonial não se limitava à exploração, mas também ao catálogo, à comparação e à transformação das plantas locais em sistemas de conhecimento global.

Pintada à mão com:

Tagetes africano (cravo-túnico): mentes vulgar.

Coreopsis: presença luminosa, calorosa e encorajadora.

Dália: dignidade e força interior; graça sob pressão.

Dália vermelha: poder; mantenho-me firme.

Camomila: resistência, calma, resiliência e perseverança; prospera mesmo quando pisada, cura emocional e reconforto.

Nogueira: simboliza emoções profundas, reserva e protecção; representa resistência e ruptura através da mudança.

Ruiva (garança / madder): há fogo sob a superfície, paixão, força e transformação.

EMMA IN BLOOM – ACANTHUS FOR THE UNNAMED | 2023

“Como homenagem, o acanto não fala alto.
Resiste. Mantém espaço para aqueles não registados ou pouco arquivados,
transformando ausência em ornamento, perda em estrutura e sobrevivência em continuidade silenciosa.”

Acanto: vida duradoura; imortalidade, resiliência perante a adversidade, memória gravada na pedra. Força e persistência. Transformação do luto em beleza. O acanto prospera em climas adversos e renasce mesmo quando cortado.

História botânica:

Acanto: nativo do Mediterrâneo, e de partes de África e Ásia. Central no design da Grécia Antiga e de Roma. A planta mais associada ao motivo do acanto na arte e na arquitetura, *Acanthus mollis*, ocupa uma posição paradoxal na história colonial: está presente em todo o lado como ornamento, mas muitas vezes ausente enquanto planta viva nos arquivos. Hipervisível no detalhe arquitetónico, mas pouco visível como transplante vivo.

LYS IN BLOOM - LET’S SPEAK IN FLOWERS | 2023

“Com fé e coragem
lembro-me de ti com amor puro
e, unidos, reconstruímos aquilo que não foi registado.”

Botanical history:

Hazel, Birch Family (betulaceae): native to the Northern Hemisphere, wind-pollinated, Hazel was a bridge species, linking indigenous ecological knowledge, European scientific classification, and transatlantic plant exchange. It represents how colonial Botany was not only about exploitation, but also about cataloguing, comparison, and the reshaping of local plants into global knowledge systems.

Hand-tinted with:

African marigold: vulgar minds.

Coreopsis: bright, warm, uplifting presence.

Dahlia: dignity and inner strength, grace under pressure.

Red Dahlia: power; I stand strong.

Chamomile: calm endurance, resilience, and perseverance; thrives even if stepped on, emotional healing, and reassurance.

Walnut: symbolizes deep emotions, guardedness, protection, represents endurance, and breaking through change.

Madder: there is fire beneath the surface, passion, strength, transformation.

EMMA IN BLOOM – ACANTHUS FOR THE UNNAMED | 2023

“As homage, the Acanthus does not speak loudly.
It endures. It holds space for those unrecorded or under-archived,
transforming absence into ornament, loss into structure,
and survival into quiet continuity.”

Acanthus: lasting life; immortality, resilience through hardship, memory carved into stone. Strength and persistence. Transformation of grief into beauty. Acanthus thrives in harsh climates and regrows even when cut.

Botanical history:

Acanthus: Mediterranean, and parts of Africa and Asia. Central to ancient Greek and Roman design. The plant most associated with the Acanthus motif in art and architecture, the *Acanthus Mollis*, occupies a paradoxical position in colonial history: it is everywhere in ornament, yet often absent as a living plant in archives. Hyper Visible in architectural detail, under visible as a living transplant.

LYS IN BLOOM - LET’S SPEAK IN FLOWERS | 2023

“With faith and courage
I remember you with pure love
and united we rebuild what was not recorded.”

Em conjunto, o seu bouquet de Íris Azul, Cravo Branco e Phlox torna-se um arquivo alternativo, uma gramática silenciosa onde continuidade diaspórica, luto, migração e re-enraizamento se entrelaçam. A obra pergunta: Como honramos aqueles que nunca foram enquadrados? O que é preservado, o que é catalogado, o que é esquecido? E de que forma o próprio acto de recordar pode tornar-se uma forma de regresso? A história botânica não é neutra.

As plantas viajaram através do Império, das rotas comerciais, da extração colonial e das migrações forçadas. Herbários e arquivos foram construídos em paralelo com sistemas de classificação que nomeiam espécies enquanto deixam pessoas sem nome.

Íris Azul: fé através da distância, esperança, sabedoria, coragem, confiança.

Cravo Branco: amor puro, memória transportada através das gerações; lembrança. Transição: uma flor oferecida ao invisível.

Phlox: memória colectiva, união, reconexão, reconstrução, convivência e laços partilhados (o phlox cresce em aglomerados).

História botânica:

Íris Azul: nativa das regiões temperadas do Hemisfério Norte. Originária da Europa, da Ásia Ocidental e da América do Norte. Planta terrestre com uma antiga história de cultivo mediterrânico e euro-asiático, posteriormente dispersa globalmente através da horticultura e das redes botânicas coloniais. Cresce em habitats variados.

Cravo: uma das flores ornamentais cultivadas mais antigas do mundo, cultivada há mais de 2000 anos. Região nativa: bacia do Mediterrâneo, sul da Europa e partes do Norte de África. (Flor Divina), tendo-se depois difundido pelas rotas comerciais europeias e sido transportada através das redes coloniais para as Américas, África e Ásia. Central na floriografia do século XIX.

Phlox: nativo da América do Norte. Durante os séculos XVIII e XIX, colecionadores europeus de plantas transportaram o phlox para a Europa. O phlox entrou em catálogos botânicos e colecções de herbário, tornando-se parte das redes imperiais de intercâmbio de plantas.

EMMA & ANDREA IN BLOOM – THE BOTANY OF MEMORY | 2023

“Aqui, o nosso jardim torna-se o arquivo e este arquivo torna-se solo, e aquilo que foi retido começa silenciosamente a crescer.”

Reunimos sálvia, hosta, verbena bonariensis e campânula como homenagem àqueles tornados sem nome nos arquivos fotográficos do século XIX. A sua presença é por vezes documentada; a sua identidade é frequentemente omitida.

Together, her bouquet of Blue Iris, White Carnation, and Phlox becomes an alternative archive, a quiet grammar of diasporic continuity, mourning, migration, and re-rooting intertwine. The work asks: How do we honor those who were never framed? What is preserved, what is cataloged, what is forgotten? And how might the act of remembrance itself become a form of return? Botanical history is not neutral. Plants travelled through the Empire, trade routes, colonial extraction, and forced migration. Herbariums and archives were built alongside systems of classification that name species while leaving people unnamed.

Blue Iris: faith across distance, hope, wisdom, courage, trust.

White Carnation: pure love, memory carried through generations; remembrance. Transition: a bloom offered to the unseen.

Phlox: collective memory, union, reconnection, rebuilding, togetherness, and shared bonds (phlox grows in clusters).

Botanical history:

Blue Iris: Native to the temperate regions of the Northern Hemisphere. Originated across Europe, Western Asia, and North America. A terrestrial plant with an ancient Mediterranean and Eurasian cultivation history, later dispersed globally through horticulture and colonial botanical networks. Grows in varied habitats.

Carnation: One of the oldest cultivated ornamental flowers in the world. Cultivated for over 2000 years. Native region, the Mediterranean basin, southern Europe, and parts of North Africa. (Divine Flower) then spread through European trade routes and transported across colonial networks to the Americas, Africa, and Asia. Central to 19th-century Floriography.

Phlox: native to North America, during the 18th and 19th centuries, European plant collectors transported phlox to Europe. Phlox entered botanical catalogues and herbarium collections, becoming part of imperial plant exchange networks.

“Here, our garden becomes the archive and this archive becomes soil and what was withheld begins quietly to grow.”

We gather Salvia, Hosta, Verbena Bonariensis, and Campanula as an homage to those rendered unnamed in 19th-century photographic archives. Their presence is sometimes documented; their identity is often withheld.

Construímos um contra-arquivo botânico: a sálvia honra o conhecimento transportado através de continentes; a hosta, planta de sombra, recorda vidas mantidas nas margens da visibilidade; a verbena bonariensis fala de migração e movimento; a campânula — a flor-de-sino — é um chamamento espiritual dos não nomeados, marcando a ausência como deliberada, não vazia. Juntas, estas plantas recusam a ideia de que uma vida precisa de validação arquivística para ter valor. O jardim torna-se um lugar de memória, onde a dignidade cresce para além do enquadramento.

Sálvia: Sabedoria, Cura, Protecção.

Hosta: Força silenciosa, Devoção, Incerteza, floresce na sombra.

Verbena bonariensis: Cura, Protecção, Encantamento.

Campânula / Flor-de-sino: Gratidão, Constância, Chamamento espiritual.

ANTHOTYPE – SARAH FORBES BONETTA | 2025 (Inspiração para | Inspiration for BLOOM)

“Ambição que se eleva através da adversidade. Existiu em espaços de elite, mas não livremente. Profundidade, resiliência e transformação. Dignidade sob a sombra imperial. Sobrevivência, não fragilidade.”

Malva-rosa negra (hollyhock nigra): ambição, mistério e profundidade; emoção guardada em vez de exibida; mortalidade.

História botânica:

Hollyhock nigra (alcea rosea): circulação colonial. O movimento de plantas, pessoas e conhecimento através de redes imperiais produz histórias de pertença em camadas, transformando deslocação em aparente enraizamento. Uma planta como Alcea rosea, transportada da Ásia Central ou Oriental para jardins europeus, foi-se naturalizando ao longo do tempo; as suas origens estrangeiras tornaram-se gradualmente obscuras à medida que era integrada em identidades domésticas e nacionais. Este percurso botânico encontra paralelo nas vidas humanas presentes nesta obra, moldadas pelo império, de forma particularmente marcante na de Sarah Forbes Bonetta. Nascida “Aina”, princesa iorubá na atual Nigéria, sobreviveu à violência política, foi levada pelo Império Britânico e apresentada à Rainha Victoria, que se tornou sua patrona. Educada na Grã-Bretanha e vivendo posteriormente entre Inglaterra e África Ocidental, a vida de Bonetta reflecte como a circulação colonial produziu identidades que não eram totalmente “nativas” nem plenamente “estrangeiras”, mas antes compostas, negociadas e em camadas.

We construct a botanical counter-archive: Salvia honors knowledge carried across continents. Hosta, a plant of shade, remembers lives kept at the margins of visibility. Verbena bonariensis speaks to migration and movement. Campanula, the bellflower, a spiritual calling of the unnamed — marking absence as deliberate, not empty. Together, these plants refuse the idea that a life requires archival validation to matter. The garden becomes a site of remembrance, where dignity grows beyond the frame.

Salvia: Wisdom, Healing, Protection

Hosta: Quiet Strength, Devotion, Uncertainty, blooms in Shade.

Verbena Bonariensis: Healing, Protection, Enchantment.

Campanula / Bellflowers: Gratitude, Constancy, Spiritual calling.

“Ambition rising through adversity She existed in elite spaces but not freely depth, resilience, and transformation. Dignity under imperial shadow survival, not fragility.”

Hollyhock nigra: ambition, mystery, and depth; emotion held close rather than displayed; mortality.

Botanical history:

Hollyhock nigra (alcea rosea): Colonial circulation. The movement of plants, people, and knowledge through imperial networks produces layered histories of belonging by turning displacement into apparent rootedness. A plant such as Alcea rosea, transported from Central or East Asia into European gardens, became naturalized over time, its foreign origins gradually obscured as it was woven into domestic and national identity. This botanical journey parallels human lives in this work, shaped by empire, most strikingly that of Sarah Forbes Bonetta. Born ‘Aina’, she was a Yoruba princess in present-day Nigeria. She survived political violence, was taken by the British Empire, and presented to Queen Victoria, who became her patron. Educated in Britain and later moving between England and West Africa, Bonetta’s life also reflected how colonial circulation produced identities that were neither wholly “native” nor fully “foreign,” but layered and negotiated.

Tal como a malva-rosa transplantada que resiste a climas desconhecidos antes de florescer, a sua trajetória encarna a ambição que se eleva através da adversidade, a adaptação sob constrangimento e a resiliência dentro da deslocação. Tanto as migrações botânicas como as humanas revelam a pertença não como uma origem fixa, mas como algo cultivado ao longo do tempo, através da resistência, da transformação e das estruturas complexas e por vezes violentas do império.

IMMACULATE IN BLOOM: HERE IN MY GARDEN | 2022

“Aqui, no meu jardim,
planto o que os arquivos esqueceram.
Enterro cada semente na terra
como se na memória —
no grão escuro do ébano,
nomes não pronunciados perduram.
Estiveste aqui.
Ainda estás aqui.”

Oliveira: paz, resistência, reconciliação, a terra tomada ou deixada para trás, a origem permanece interior, reconciliação entre passado e presente; a oliveira está profundamente enraizada, mas os seus ramos viajam.

Pintado à mão (em fundo)

Alecrim: lembrança, memória, lealdade.

Papoila: sacrifício, recordação, sono eterno, consolação.

Zínia: pensamentos em amigos ausentes, afeição duradoura, ligações persistentes.

Miosótis (não-me-esqueças): lembrança verdadeira, memória fiel, ligação duradoura.

Centáurea (flor-do-milho): devoção e lembrança, esperança.

Malva: amor, protecção, cura.

Árvore de ébano: poder, protecção, negritude, dignidade, permanência.

História botânica:

Oliveira: nativa do Mediterrâneo oriental e do Levante; domesticada há cerca de 8000 anos. Entre as árvores cultivadas mais antigas da história humana.

BINQUI IN BLOOM – WHAT A THOUSAND PETALS HOLD | 2022

“Mesmo que não nos tenhas registado,
Nós estivemos aqui, e em abundância.”

Binqui segura uma das primeiras formas de fotografia: um daguerreótipo, central no retrato fotográfico inicial.

Like the transplanted Hollyhock enduring unfamiliar climates before flourishing, her trajectory embodies ambition rising through adversity, adaptation under constraint, and resilience within displacement. Both botanical and human migrations reveal belonging not as a fixed origin, but as something cultivated over time through endurance, transformation, and the fraught structures of empire.

“Here in my garden
I plant what the archives forgot
I press each seed into earth
as if into memory
in the dark grain of Ebony
names unspoken endure.
You were here
You are still here.”

Olive: peace, endurance, reconciliation, the land taken or left behind, the origin remains internal, reconciliation between past and present, also the Olive tree is deeply rooted, yet its branches travel.

Hand-painted (in backdrop)

Rosemary: remembrance, memory, loyalty.

Poppy: sacrifice, remembrance, eternal sleep, consolation.

Zinnia: thoughts of absent friends, lasting affection, enduring connections.

Forget-Me-Not: true remembrance, faithful memory, enduring connection.

Centaura-Cornflower: devotion and remembrance, hope.

Mallow: love, protection, healing.

Ebony Tree: power, protection, blackness, dignity, permanence.

Botanical history:

Olive: native to the eastern Mediterranean and Levant; Domesticated 8000 years ago. Among the eldest cultivated trees in human history.

Binqui is holding one of the earliest forms of photography: a Daguerreotype, central to early portrait photography.

A fotografia foi inventada simultaneamente como tecnologia de memória e como instrumento de poder; contudo, o acesso aos estúdios fotográficos foi moldado pela classe, pela raça, pela geografia e pela hierarquia colonial.

Rosa de cem pétalas: amor e devoção, em camadas. Identidade que resiste ao desaparecimento.

História botânica:

Rosa de cem pétalas (rosa centifolia): conhecida como rosa-repolho ou rosa-de-provença, é uma rosa híbrida europeia dos séculos XVI ou XVII, provavelmente desenvolvida nos Países Baixos. O nome significa “cem pétalas”, referindo-se às pétalas densamente sobrepostas e perfumadas, de tonalidade rosa. Descende de cruzamentos entre espécies históricas como Rosa gallica, Rosa damascena, Rosa moschata e Rosa canina. Celebrada na pintura da Idade de Ouro neerlandesa e posteriormente cultivada em França para perfumaria, permanece uma fonte importante do rosa absoluto e um símbolo de abundância exuberante na história dos jardins europeus.

MONICA IN BLOOM - A YELLOW ROSE | 2022

“Mesmo que não nos tenhas registado,
Nós estivemos aqui.”

Uma reescrita suave, um gesto simbólico de recuperação. Afirmar alegria apesar da deslocação. Historicamente, as rosas amarelas simbolizavam o ciúme; uma declaração contemporânea através de uma rosa amarela pode rejeitar subtilmente esse significado antigo. Torna-se: uma afirmação de amor curado; uma declaração contra o apagamento, transformando a suavidade em resistência.

Rosa amarela: agora; calor, renovação, ligação escolhida.

História botânica:

Rosa amarela: nativa do Médio Oriente (Irão e Afeganistão) e da Ásia Central; introduzida na Europa no século XVI, Rosa foetida foi a primeira rosa verdadeiramente amarela nos jardins europeus. Transformou a reprodução das rosas ao introduzir tonalidades amarelas e alaranjadas nos híbridos modernos. A sua floração dourada expandiu a paleta cromática das rosas em todo o mundo.

Photography was invented as both a technology of memory and a tool of power, yet access to photographic studios was shaped by class, race, geography, and colonial hierarchy.

Hundred-petalled rose: love and devotion, layered. Identity that resists disappearance.

Botanical history:

Hundred-petalled rose (rosa centifolia): known as the Cabbage rose or Provence rose, is a 16th or 17th century European Hybrid Rose, likely developed in the Netherlands. Its name means ‘hundred- petaled’, referring to its densely layered, fragrant pink blooms. It descends from crosses among historic species, including Rosa gallica, Rosa damascene, Rosa Moschata, and Rosa canina. Celebrated in Dutch Golden Age paintings and later cultivated in France for perfumery, it remains an important source of rose absolute and a symbol of lush abundance in European garden history.

“Even if you did not record us,
We were here.”

A gentle re-writing, a symbolic act of reclaiming. Asserting joy despite displacement. Historically, yellow roses symbolized jealousy. A modern declaration using a yellow rose can subtly reject that older meaning. It becomes: a statement of healed love; a declaration against erasure, transforming softness into resistance.

Yellow Rose: now; warmth, renewal, chosen connection.

Botanical history:

Yellow Rose: native to the Middle East (Iran & Afghanistan) and Central Asia, and introduced to Europe in the 1500s, Rosa Foetida was the first true yellow rose in European gardens. It transformed Rose breeding by introducing yellow and orange tones into modern hybrids. Its bright golden bloom expanded the rose color palette worldwide.

SOBRE A GALERIA

ATHIS IS NOT A WHITE CUBE é uma galeria internacional de arte contemporânea, fundada em Luanda em 2016 e sediada em Lisboa, Portugal. Através da representação e colaboração com artistas nacionais e internacionais, estabelecidos e emergentes, a galeria apresenta um programa centrado em narrativas e debates relevantes, associados ao contexto europeu e do Sul Global. Com um espírito pioneiro de descompartmentalização e inclusão, favorecendo os diálogos interculturais, é a primeira galeria africana em Portugal a abrir o seu círculo de colaboração tanto a artistas locais como a produções artísticas do Sul Global, incluindo o Brasil e países africanos não lusófonos. A galeria mantém uma presença regular e significativa em importantes feiras internacionais de arte.

ABOUT THE GALLERY

THIS IS NOT A WHITE CUBE is an international contemporary art gallery, founded in Luanda in 2016 and based in Lisbon, Portugal. Through the representation and collaboration with both national and international artists, whether established or emerging, the gallery presents a program focused on relevant narratives and debates, associated with the European context and the Global South. With a pioneering spirit of decompartmentalization and inclusion, favoring intercultural dialogues, it is the first African gallery in Portugal to open its collaborative circle to both local artists and artistic productions from the Global South, including Brazil and non-Lusophone African countries. The gallery maintains a regular and significant presence at major international art fairs.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a Andre Beuving,
Bloementuin Zwolle,
Hanneke's Pluktuin,
Hedy Van Erp,
Lot Joseph
and Melissa Wickham (Artista cénico).

ACKNOWLEDGEMENTS

Special thanks to Andre Beuving,
Bloementuin Zwolle,
Hanneke's Pluktuin,
Hedy Van Erp,
Lot Joseph
and Melissa Wickham (Scenic Artist).

EQUIPA | TEAM:

Sónia Ribeiro - CEO e Diretora | CEO and Director (+351) 967 042 186 | (+33) 6 218 638 77
Graça Rodrigues - Diretora e Curadora | Director and Curator (+351) 967 260 472
Sofia Tudela - Gestora de Operações | Operations Manager
Nelson Chantre - Audiovisual | Audiovisual
Vitor Cavalheiro - Design Gráfico | Graphic Design

HORÁRIO | HOURS: 3^ªf. - Sáb. / 14h30 - 19h00 | Tue. - Sat. / 2:30 - 7 p.m. **MORADA | ADDRESS:** Rua da Emenda 72, 1200-170, Lisboa

CONTACTOS | CONTACTS:

 gallery@thisisnotawhitecube.com

 www.thisisnotawhitecube.com

 (+351) 967 042 186 | (+351) 967 260



|| THIS IS NOT
|| A WHITE CUBE